



A SOLIDÃO NAS REDES SOCIAIS DE RELACIONAMENTOS

VASCONCELLOS, A. R.¹

Nome Completo: Ana Rodrigues Vasconcellos

Artigo submetido em: 20/04/2014

Aceito em 20/07/2014

Correio eletrônico: annabyte@gmail.com

RESUMO

O presente artigo descreve sobre a solidão nas redes sociais e os relacionamentos que são mantidos através de uso das tecnologias da informação e comunicação. O artigo propõe uma leitura sobre relacionamentos virtuais e comportamentos que acabam surgindo com essa nova modalidade de interação. O ato de pertencer a algum grupo ou a alguma comunidade vem transformando as formas como as pessoas se encontram e compartilham suas opiniões e suas impessoalidades.

Palavras-chave: Relacionamentos, Redes Sociais, Virtual, Solidão.

ABSTRACT

This article describes about loneliness in social networks and relationships that are maintained through the use of information and communication technologies. The article proposes a reading of virtual relationships and behaviors that end up coming up with this new mode of interaction. The act of belonging to some group or any community is transforming the ways in which people meet and share their opinions and their impessoalidades.

Keywords: Relationships, Social Networking, Virtual Solitude.

¹ Mestre em Educação, Especialista em Tecnologia na Educação, Pedagoga, Psicóloga, Docente da UNIESP Ribeirão Preto.

INTRODUÇÃO

O uso de novas tecnologias está aumentando, a cada dia temos um número maior de pessoas conectadas nas redes de relacionamentos. Os brasileiros já dominaram o Orkut e, agora, avançam sobre o *Twitter* e o *Facebook* e outros com o mesmo objetivo.

Mas quem são esses usuários? Esta abordagem tratará daquele que está só, porém não aquele só físico, geográfico e/ou por necessidade no desempenho de uma tarefa/atividade e, sim aquele que pode estar no seio de sua família, rodeado por pessoas e, independente de onde esteja, ele se sente e permanece só, quiçá em busca de algo que nunca teve, tem ou terá. Quem sabe por ter perdido um grande amor, um afeto, uma companhia. Ressaltamos que as perdas aqui referidas são as de todos os tipos: não ficando restritas ao gênero de homem e mulher, faixas etárias, condições sócio-econômicas e financeiras.

Citamos as perdas apenas como exemplo porque enfim a complementaridade não pertence a um grupo específico de pessoas, estão todas elas em busca de seus pares através de identidades, afinidades, características que lhes são passadas de forma real, irreal ou fictícia, mas o objetivo é mantido: o da necessidade premente de abandonarem a solidão. Então aceitam e acreditam naquela conexão como uma chance de acharem os seus parceiros virtuais. Porém, temos que pensar que os sites de relacionamento, assim como qualquer outra tecnologia, são neutros, e os seus usos podem ser positivos ou negativos. Tudo irá depender da maneira como serão utilizados e, não sabemos se podemos dizer tal qual escreve o poeta, de forma compensatória: *“Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão.”* [Vinícius de Moraes]

SOLIDÃO NOS TEMPOS MODERNOS

A solidão é parte da história da vida humana, esteve presente na vida de nossos antepassados e atualmente é cenário da nossa sociedade. A discussão em torno da questão “solidão” vem sendo alvo de debates ao longo dos tempos, incluindo atualmente as transformações sociais que interferem no modo de viver e de se relacionar com os outros e com si próprio. Na contemporaneidade fica difícil não realçá-la, pois ela é um dos elementos centrais da vida pós-moderna. Muitos fatores podem estar

contribuindo para o crescimento desse espírito solitário do homem de nossa época, tais como: as novas formas de sociabilidades, os novos estatutos e valores, as novas sensibilidades, o narcisismo entre outros, elementos que engendraram o sentimento de solidão dos homens de hoje.

Outro aspecto da solidão é que ela deixou de ser um sentimento subjetivo apenas; hoje ela é vivida na exterioridade das relações sociais. À medida que a sociedade ingressa no contexto tecnológico, a forma de estabelecer vínculos vai mudando, interferindo progressivamente nas relações e no comportamento social. Bauman, (2004) trata esse assunto quando retrata a fragilidade dos vínculos humanos:

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (BAUMAN, 2004, p. 8).

A fragilidade das relações vem sendo observada nos últimos anos através de pesquisas que apontam para um crescimento da população que vive sozinha. Estima-se que um terço da população mundial adulta vive sem um parceiro. De 1981 a 1988, o Brasil teve um aumento da população das pessoas sozinhas quatro vezes superior ao aumento populacional.

A separação na década de 80 aumentou 35% provocando uma aceleração da indústria do consumo de objetos, imóveis, pacotes de viagens e alimentos para pessoas sós. Segundo dados do (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, 2010), As pessoas que vivem sozinhas representam 12,1% do total e as pessoas sem parentesco são 0,7%. Na comparação entre 2000 e 2010, houve um crescimento na proporção pessoas morando sozinhas, que passaram de 9,2% para 12,1%.

Mas, afinal, o que vem a ser solidão? Segundo o dicionário Aurélio, Solidão: s. f. 1. Condição, estado de quem está só; isolamento. 2. Lugar ermo, retiro. 3. Insulamento.

É importante destacar que a solidão geralmente vinculada ao isolamento não é um estado e sim um sentimento. Muitas pessoas podem viver rodeadas de tantas outras e se sentirem completamente sozinhas, ou também, muitas que vivem sozinhas, não se sentem sós. A solidão pode ser ressaltada até mesmo pelo questionamento da própria existência, pelo atravessamento de problemas internos que perpassa o âmbito geográfico.

Vivemos atualmente numa grande correria contra o tempo a fim de darmos conta das exigências do mundo globalizado. Nesse cenário, dispomos de um grande arsenal tecnológico trazendo a ideia de facilidade e agilidade na resolução das demandas que temos, ou seja, não precisamos mais viajar de um estado ou país para acertarmos questões a nível profissional e pessoal. Tudo está disponível em um clique. A falta de tempo hospedou-se na vida de cada um de tal forma que a convivência tornou-se raridade e o isolamento social estabeleceu-se de forma inflexível e, muitas vezes, irreversível.

Ao se afastar de pessoas de forma física, deixamos de lado questões importantes, como visitar os parentes, conversar com os vizinhos ou até mesmo conhecer os próprios colegas de trabalho que teoricamente passam mais tempo conosco. Muitas vezes, ao chegarmos ao local de trabalho, nos conectamos inicialmente ao computador e depois as pessoas. Passamos a ser mais um número que se perde entre um aglomerado de pessoas. O sectarismo, a separatividade da natureza de si mesmos e a perda do referencial de vida nos adoce, nos faz carentes e desprovidos de relacionamentos mais profundos.

Muitos fatores levam um indivíduo a viver só, um deles pode ser a quebra de um relacionamento, a perda de vínculos familiares, mudanças regionais, decepção com os outros, a falta de recursos financeiros ou até mesmo o excesso de recursos, que leva a pessoa a se isolar dentro de sua residência, cercado de toda segurança, mas sem liberdade para sair e criar vínculos sociais. Em algumas dessas situações, entra em cena as redes sociais, que podem atuar na conexão de pessoas ou na desconexão delas.

A SOLIDÃO E AS REDES SOCIAIS DE RELACIONAMENTO

Nossa sociedade passa atualmente pela chamada Inclusão Digital. Desde que a Internet começou a fazer parte de nossas vidas, é quase impossível nos nossos dias, viver sem ela. Na verdade, a Internet não veio inicialmente, com a finalidade comunicacional, mas com fins militares, para espionagem das bases militares dos inimigos. Os anos que antecederam a segunda guerra mundial deram início a um novo período ou era, a era da Informação. Aqueles que detinham maior quantidade de informação passavam a deter tecnologias que influenciavam todos os meios na escala de produção. Daí a frase “Informação é Poder”.

Nesse período, os primeiros computadores começam a dar conta da transformação de dados em informações, claro que de forma ainda bem limitada. Os computadores vão passando por grandes avanços, saindo das chamadas “válvulas” para os micros “chips” cada vez mais velozes e menores.

O mundo passa a conviver com palavras desconhecidas, como *byte*, *bit*, programações, entre outras. A sociedade, aos poucos, apodera-se de uma tecnologia que veio para ficar, e o que antes se concentrava em meios físicos, ganhava uma configuração virtual. Com a liberação de acessos a milhares e milhares de sites, o público se mistura com o privado e vice e versa. Antes, o que era de acesso restrito, agora se populariza, adentrando em nossas casas, interligando pessoas, países e agilizando o comércio eletrônico. Esse mundo de novas “conexões” foi tornando-se popular nas casas das pessoas de todo mundo, ficando quase impossível distinguir entre o real e o virtual.

A esse fenômeno, Levy, ressalta que “O Real seria da ordem do ‘tenho’, enquanto o virtual seria da ordem do ‘terás’, ou da ilusão”. (1999, p.15)

A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema. Ela transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica. “Com isso, a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor”. (LEVY, 1999, p.18)

Com isso, temos o problema do vazio, do “eu” narcísico que busca uma relação que lhe dê prazer e felicidade. Eis o novo problema, deixando de ser único e agora em uma rede onde a fluidez será o coletivo no sentido da sua perda de individualidade. “Como no efeito moebius: a passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior.” (LEVY, 1999 p.24) Nesse efeito declina-se em vários registros: o das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor. Esse ir e vir, se misturar e de desfazer, estar conectado e ao mesmo tempo não estar, estar só e não estar só.

O grande paradoxo social contemporâneo é conviver o dia a dia com tanta gente e ao mesmo tempo sentir solidão. Ao que parece, amizades mais numerosas e superficiais, com menor vinculação afetiva.

Por toda parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si. Há uma fragmentação social extrema, que, de certo modo

corresponde a uma nova tendência tecnológica “para o ligeiro”; e tudo é substituído rapidamente. O computador doméstico gera o orçamento, substitui a *baby-sitter*, previne a polícia, os bombeiros, sem falar que ele apresenta diversão com seus múltiplos jogos.

O tecnológico tornou-se pornô: o objeto e o sexo entraram no mesmo ciclo ilimitado da manipulação sofisticada, da exibição e da proeza dos comandos à distância. E assim o tema virtual ou “não presença”, ocupa um lugar não designável. A virtualização reinventa uma cultura nômade, onde surgem interações sociais caracterizadas por relações que se configuram com um mínimo de inércia. E neste processo, quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam. Alguma coisa os separa do espaço físico, geográfico, da temporalidade do relógio e do calendário.

Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística – IBOPE, o total de pessoas com acesso à internet no Brasil no primeiro trimestre de 2013 chegou a 102,3 milhões, mostrando além do crescimento a importância que a internet tem para os brasileiros. Nesse contexto de mudanças sociais, surgem as chamadas redes sociais de relacionamento que iniciaram timidamente com a troca de mensagens eletrônicas, chamadas popularmente de *e-mail* que a princípio não possibilitava envio de fotos e demais arquivos que não fossem apenas textos. O *email* se tornou uma das mais poderosas ferramentas de comunicação, substituindo aos poucos as “cartas” enviadas aos correios tradicionais.

Com tanta variedade de recursos tecnológicos, o número de pessoas conectadas aumenta a cada dia, mais e mais as pessoas usam as redes sociais para diversos fins, ora para se comunicarem, ora para se aproximarem das outras. Vivemos num mundo, no qual, estamos conectados o tempo todo, vivemos *on line*. A rapidez no acesso às informações e a comunicação acaba produzindo indivíduos ansiosos, egoístas e desejosos de um individualismo nas relações sociais.

Esse mundo individualista parece suprir as necessidades básicas da solidão, como as amizades virtuais, os encontros com amigos da rede que nem sempre representam amizades e laços profundos. Vivemos numa época, onde abraçar, beijar, encontrar os amigos é cada vez mais raro. A busca por mais contatos no *Facebook* e as interações em *twitter* torna-se essencialmente importante. As complicações de uma amizade verdadeira, pode ser facilmente deletada, sem compromissos.

Fernanback e Thompson, definem comunidades virtuais como as "relações sociais formadas no ciberespaço através do contato repetido em um limite ou local específico (como uma conferência eletrônica) simbolicamente delineado por tópico ou interesse". (1995, p. 8) Para eles, os diversos indivíduos reúnem-se por um senso comum, e não por mera agregação geográfica.

A quantidade de contatos não reflete a qualidade dos mesmos, se gasta horas na internet e diminui-se nos encontros presenciais. Continuamos sozinhos, porque a opção individualista está mais relacionada a uma cultura midiática e imediatista. Continuamos em busca do prazer material e afetivo imediato, sem as intempéries de uma relação duradoura e entrelaçada pelos defeitos e carências do outro.

É importante saber retirar o que há de melhor na internet: seu potencial humano. Precisamos humanizar as relações para que, na multidão da rede, não estejamos sozinhos. Precisamos do toque, do cultivo de relações, do olhar nos olhos, da arte de se relacionar.

As redes sociais de relacionamentos podem diminuir a solidão social, mas tendem a aumentar a solidão emocional. Podemos estar rodeados de pessoas e ao mesmo tempo, não encontrar uma só pessoa para dividir um choro, compartilhar uma alegria, além dos variados *emoctions* que tentam transformar as nossas emoções na tela.

É permitido GRITAR,(letras maiúsculas) chorar, ficar triste, ☹, rir ☺, sem que ninguém realmente veja ou compartilhe sentimentos. A idéia de estar sempre “plugado” pode inclusive causar dependência e ansiedade, como se as pessoas estivessem perdendo algo quando ausentes da rede. Não se consegue dar conta de ter um milhão de amigos, nem na vida real muito menos nas redes sociais. É impossível dar conta de todos eles.

É bem comum, encontrarmos atualmente pessoas em diversos lugares, juntas fisicamente, mas separadas num espaço virtual. Cada um parece mergulhar nos seus pequenos equipamentos tecnológicos sem dar conta das pessoas que estão a sua volta. A conexão *wifi* facilita esse processo.

Ao nos conectar nessa grande e populosa rede, temos a necessidade de curtir e compartilhar coisas para sermos elogiados pelos outros ou até mesmo para nos tornarmos mais populares. Nesse contexto, as redes sociais acabam se transformando em uma grande tagarelice, muitas vezes sem conteúdo e vazia.

CONCLUSÃO

Com base no referido trabalho, conclui-se que hoje, na contemporaneidade observamos mudanças históricas- culturais significativas, que interferem nas relações e na estrutura do sentimento humano; objetivando os indivíduos, seus modos de vida e costumes. No mundo pós-moderno o capitalismo age nos elementos considerados centrais: mídia e consumo. E nesta sociedade mercantil e industrializada, movida pela velocidade tecnológica de informação, estão constantemente presentes sentimentos de efemeridade e fugacidade. Assim o homem experimenta cada vez mais estado de insatisfação seguido de solidão.

Na procura de sanar este sentimento, são procuradas redes de relacionamento virtual. Exemplificando, existem hoje empresas com objetivos específicos, onde há contrato de prestação de serviços; constando cnpj da empresa, eficácia e validade jurídicas em conformidade com a legislação civil; assim como nos planos de saúde cujos associados podem ser enquadrados em categorias ouro, prata, etc. E com política de estornos proporcional ao tempo que o cliente utilizou os serviços. Obviamente num modelo tipicamente capitalista.

O volume de informações, excesso de imagens, efemeridade de bens materiais e culturais, demasiada oferta de bens e serviços de consumo são elementos que organizam a sociedade numa nova configuração, a qual compõe no homem um estado de relações obsoletas. O sentimento de pertencimento faz com que procurem estas redes de relacionamento, nas quais mais do que o “ter”, o que importa é “parecer ter”, “parecer ser”; paradoxalmente gerando angústia e sensação de vazio.

A solidão emocional não pode ser combatida com relacionamentos virtuais, eles não satisfazem. Isso porque as relações formadas e mantidas no virtual são desprovidas de toques, de olhares e de emoções sentidas não só no campo do real como no do atual. A indiferenciação entre as esferas públicas e privadas e a desterritorialização, resultantes da virtualidade contemporânea são responsáveis, em grande maneira, pelo sentimento de vazio e de solidão entre as pessoas. Nesse contexto, Lipovetsky sustenta que:

Quanto mais se desenvolve as possibilidades de encontro, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a

possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo. (LIPOVETSKY, 2005 p. 57).

O homem pós-moderno conquistou liberdades ilimitadas, entre elas, a liberdade de estar só. A ironia é que agora ele não consegue viver com esta conquista, no máximo, é capaz de usar “bengalas” e entre elas estão a internet e as redes sociais. E por fim o contemporâneo também nos apresenta indivíduos narcísicos e solitários. É como se o narcisista pensasse assim: “- Eu me basto, eu sou tão bom que a melhor pessoa para ficar comigo sou eu mesmo.” Nesta lógica ele hiper investe no eu tornando-o vazio; isso porque este investimento é apenas um espelho das suas tentativas de satisfação; é como estar pleno de nada, ou seja, vazio e sozinho.

REFERENCIAS

BAUMAN, Zygmunt. “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FERREIRA, Sérgio A. B de Holanda. Novo Aurélio – Séc XXI. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNBACK J., THOMPSON B. (1995), Comunità virtuali: aborto, riprova o fallimento?, Conferenza annuale International Communication Association.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Barueri: Manole, 2005.

IBGE – instituto brasileiro de geografia e estatística <http://www.ibge.gov.br/> (Visitado em Agosto de 2013).

IBOPE – instituto brasileiro de opinião pública e estatística <http://www.ibope.com/pt-br/noticias/Paginas/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-passa-de-100-milhoes.aspx> (Visitado em Maio de 2013).